

Da mosca e da aranha.

A especulação filosófica recente introduziu conceitos como "situação", "Gestalt", "condição humana", "estar-dentro-do-mundo", "instrumento" e outros, para poder discutir aquilo que os pensadores recentes consideram ser o tema da filosofia: a vida e a morte do homem. Todos estes conceitos querem tornar visível e palpável o mundo dentro do qual vive e morre o homem, em contraste com os conceitos da filosofia tradicional que tratam de um mundo abstrato. Entretanto, dada a tendência do espírito para a abstração, estes conceitos novos estão se tornando rapidamente tão abstratos quanto o são os conceitos clássicos. Falham em sua tentativa de visualização do mundo. Para maior comodidade da nossa capacidade imaginativa existe, entretanto, um animal cuja "situação", "Gestalt", "condição", "estar-dentro-do-mundo" etc. é visível e palpável: a aranha com sua teia. A teia de aranha é um verdadeiro achado para os pensadores existenciais das diversas matizes e poderá servir de modelo para a construção de edifícios mentais, tanto quanto a máquina serviu de modelo em tempos passados. Se conseguirmos projetar-nos para dentro da aranha, (por antipática que ela seja), teremos alcançado a visualização da filosofia recente.

Convido o leitor a tornar-se aranha pela duração da leitura deste artigo. Afinal, as metamorfoses estão na moda. Suponho, naturalmente, que o leitor será uma aranha civilizada, interessada em arte, ciência, filosofia e religião, enfim uma aranha na plenitude do termo. Como se apresentará o mundo deste seu ponto de vista aranhesco? Como uma série de acontecimentos que se dão nos fios de sua teia. Os fios da teia são o lugar no qual o mundo se dá. Podemos, é verdade, especular sobre algo que se dá nas malhas da teia, ou completamente fora da teia, mas não podemos viver ("erleben") esses acontecimentos metateicos. Algumas aranhas entre nós podem afirmar que têm uma intuição poética, ou uma visão mística imediata dessa realidade que transcende a teia, mas essas afirmativas devem ser aceitas com toda reserva. Para nós o mundo se organiza, se realiza nos fios da teia, e é por isto que o mundo é um cosmos. Em redor da teia e dentro das suas malhas é e nada todo-envolvente, o caos do vir-a-ser, a massa amorfa das potencialidades. A aranha civilizada se contenta com a limitação que lhe é imposta pela teia. Trata de compreender e devorar os acontecimentos teicos, e trata de expandir a teia. Que os excêntricos se precipitem para dentro das malhas da teia num suicídio metateico numa decadência inautêntica dentro do nada.

Eliminada a metateica, surge o problema ontológico: o que acontece nos fios da teia? Acontecem moscas, outras aranhas, e catástrofes destruidoras da teia. E acontece, altamente problemática, a própria aranha que secreta e continua secretando a teia. Estamos diante de uma multiplicidade de seres sumamente desagradável para o espírito aranhoso inclinado para a simplificação. Entretanto, talvez possamos simplificar a nossa ontologia e reduzi-la a duas formas básicas de Ser: mosca e aranha. Consideremos, por exemplo, as catástrofes que destroem a teia. São, no fundo, moscas superpesadas que os fios da teia não suportam. São catástrofes insuperáveis e tecnicamente inexplicáveis no presente estágio de desenvolvimento. Entretanto, o progresso da teia com sua expansão e fortificação dos fios acabará por poder captar, no futuro, moscas de qualquer peso, eliminando assim toda catástrofe. O que é catástrofe no presente estágio, será mosca no futuro. Mosca e catástrofe são ontologicamente equivalentes. Consideremos as outras aranhas. Em que distinguem das moscas? Servem para serem copuladas em vez de serem devoradas. Entretanto, falando epistemologicamente, a diferença entre devorar e copular não é fundamental. São duas modalidades de conhecimento. As outras aranhas são casos especiais de moscas. Podemos portanto formular a nossa ontologia simplificada como segue: A realidade se dá nos fios da teia em duas formas de Ser, mosca e aranha.

Destas duas formas básicas de Ser a aranha é a mais problemática, embora nos seja dada mais imediatamente. Ela não é teicamente exaurível. Como e porque secreta ela a teia? Porque constroi ela a teia com a estrutura específica que conhecemos? É a aranha livre ou determinada pela teia? Como produtora da teia parece ser livre. Desloca-se livremente dentro da teia para devorar moscas, copular com outras aranhas e concertar estragos na teia. Entretanto, nestes movimentos obedece à estrutura da teia. Todos estes problemas são metateicos, embora digam respeito à teia, e o intelecto aranhoso não pode esperar nunca de solucioná-los. Como se vê, expulsamos a metateica pela porta e ela volta pela janela.

A mosca, que é o objeto da aranha, é menos misteriosa. Ela é jogada contra a nossa teia do fundo da "clara noite do nada" (Heidegger) para ser devorada. A mosca nos é dada, está diante das nossas tenazes. Diante da mosca, no ato de apalpá-la, devora-la e digerí-la, estamos nos realizando. A mosca a ser devorada é nosso futuro, a mosca sendo devorada é nosso presente, a mosca digerida é nosso passado.

Podemos assumir, em teoria, diversas atitudes em face da mosca. Por exemplo a hegeliana. Podemos dizer que a existência da aranha exige a existência da mosca para poder realizar-se. A mosca é a antítese da aranha. Uma antítese logicamente e historicamente necessária. A síntese é a mosca devorada, a mosca portanto aranhizada. Este processo dialectico terminará quando todas as ~~arax~~ moscas tiverem sido devoradas e digeridas. Será a total aranhização, portanto a total realização do mundo. O mundo moscal é um mundo meramente fenomenal, e qual, no processo dialectico de ser devorado, se realiza aranhizando-se, realizando, ao mesmo tempo, a aranha.

A atitude marxista em face da mosca inverte os papéis e torna o processo dialectico um pouco menos plausível. Deste ponto de vista a existência da mosca exige a existência da aranha. Por assim dizer a mosca quer ser devorada. A aranha surge onde há moscas. A própria teia é uma consequência das moscas. A mosca é o fundamento e teto (Ueberbau und Unterbau) da aranha. O estágio final do desenvolvimento dialéctico é o hegeliano: a total aranhização do mundo moscal. Talvez um marxista prefere falar em total mosquiseação da aranha, mas o significado é o mesmo.

Mencionemos ainda a atitude heideggeriana. A mosca é a coisa ("Ding") da aranha, é a condição ("Bedingung") aranhizada. As carcassas das moscas devoradas são testemunhas (Zeugen) da passagem da aranha pelo mundo moscal. São abandonadas e ultrapassadas (ueberholt), deixadas, inteiramente chupadas, na teia. São instrumentos (Zeug) da aranha. A projeção da aranha através do mundo moscal é marcada pela transformação das coisas (moscas a serem devoradas) em instrumentos (moscas chupadas). Assim a aranha se liberta progressivamente das moscas, assim vive autenticamente. O devorar da mosca, (a vivência), é a realização da aranha. A aranha-filósofo avança até o limite da teia para, nessa situação de fronteira, enfrentar o nada. Mas o nada é omnipresente, está em toda parte nas malhas da teia. A aranha poeta o vence, de certa forma, expandindo a teia. A morte é a saída da aranha da teia. Teoricamente falando, a morte não existe, já que está além da teia. De certa forma a aranha autentica vence a morte, já que as carcassas das moscas continuam na teia depois da saída da aranha, a testemunhar a sua passagem pela teia.

Consideremos, por fim, a atitude wittgensteiniana. Dada a estrutura da teia, as moscas estão relacionadas entre si de certa maneira (Sachverhalt).

Com efeito, a teia é o espelho das relações entre moscas. Inversamente são as moscas a realização da teia. Podemos portanto dizer que as moscas são o reflexo da teia. A teia é a articulação das moscas, e as moscas são a articulação da teia. A aranha é prisioneira da teia no sentido de nada saber e nada conhecer a não ser a teia que ela própria secretou. E quanto ao resto, quanto à realidade extrateica? O que não pode ser falado, deve ser calado.

As quatro atitudes da aranha em face do mundo moscal, tal como foram aqui expostas, tem uma qualidade em comum: um aranhismo radical. O aranhismo é, por certo, inevitável. Afinal, o tema da aranha é a aranha. Entretanto uma aranha que consegue conservar dentro de si uma certa dose de distância e de ironia, (como espero que o leitor metamorfoseado a conservou), perceberá a ridicularidade deste aranhismo extremo. Porque é ridículo este aranhismo? Porque, fazendo da aranha o centro da realidade, opera, inconscientemente, com uma escala de valores ridiculamente distorcida. A falta da fé numa realidade metateica resulta na hybris ridícula das quatro atitudes discutidas. A aranha, embora esteja presa à teia, não pode dispensar de uma fé numa realidade extrateica, sob pena de perder a própria teia qualquer significado. A aranha despida dessa fé é louca. Megalomaníaca, como no caso da atitude hegeliana e marxista, mánica-depressiva como no caso da atitude heideggeriana, claustrofóbica como no caso da atitude wittgensteiniana.

Como pode a aranha sair dessa loucura, à qual um processo histórico de centenas de anos de preocupação exclusivamente moscal a impelle? Não creio que que uma saída é viável abandonando a teia. Não deve confiar-se nas capacidades metateicas da aranha, embora certamente existam. Creio, entretanto, que uma pesquisa da teia, com toda sua capacidade de expansão e adensamento, e com todas as suas limitações estruturais e materiais, oferece uma saída. O estudo da teia é, afinal, a única maneira teica de ultrapassá-la. Tentando ver a teia a aranha já se distancia dela. Esta é a verdadeira tarefa da filosofia aranhésca.

A teia humana é a língua. Os fios da sua teia são frases. O leitor, retransformado em homem, pode, querendo, aplicar a sua experiência aranhésca à situação humana. É bom, entretanto, não esquecer, que a aranha é um dos símbolos do diabo.